

HARRY POTTER (!?)

Marcia Regina BECKER
Universidade Tecnológica Federal do Paraná

RESUMO: J. K. Rowling não é dos nomes levados em consideração quando se prepara o programa de uma disciplina cuja ementa, bastante aberta, trata da literatura inglesa – no sentido de literatura das Ilhas Britânicas – do século XX. No entanto, mesmo para muitos acadêmicos do curso de Letras que tiveram na saga de Harry Potter a sua introdução à leitura – e literatura – e cresceram juntamente com o personagem título da série, a possibilidade de um estudo mais acadêmico do universo “potteriano” soou entre estranho e fascinante. Esta comunicação pretende relatar esta experiência, tanto do ponto de vista do professor quanto dos alunos envolvidos, estes analisados através de uma pesquisa e depoimentos, assim como comentar alguns dos tópicos abordados nas quase dez horas de aulas. Questões importantes a serem levadas em consideração foram a participação de diversos alunos em blogs e sites específicos, além, obviamente, da leitura dos livros da série mesmo antes da divulgação do programa do curso, o que os levou a ter uma participação extremamente ativa nas aulas, assim como a discussão, entre os próprios alunos, sobre a questão de se incluir ou não uma autora “não-canônica” numa disciplina que dispunha de uma carga horária relativamente exígua (em torno de 50 horas). Uma das conclusões da experiência foi que, para a maioria, houve uma quebra de preconceitos em relação à obra e ao seu status – normalmente negativo – de “literatura de massa”.

PALAVRAS-CHAVE: Harry Potter; J.K. Rowling; cânone literário.

ABSTRACT: *J. K. Rowling is not a name to be considered seriously when you prepare the syllabus of a course about English literature – in the sense of literature of the British Isles – of the twentieth century. However, even to students of “Letras” who had in the saga of Harry Potter their introduction to reading – and literature – and grew up together with the title character of the series, the possibility of a more academic study of the “potterian” universe sounded between strange and fascinating. This paper will show this experience, both from the point of view of the teacher and of the students involved in it, these ones analyzed through a survey and oral reports, and also show some of the material worked with in almost ten hours of classes. Important questions to be taken into consideration were the participation of several students in blogs and specific sites, besides, obviously, the reading of the books of the series even before the course was released, which made them participate extremely actively in the classes, as well as the discussion about the inclusion of a non canonic writer in a course which had such a small number of hours to be completed (around 50 hours). One of the conclusions of the experience was that, to the majority, there was a breaking of prejudice in relation to the work and its status – normally negative – of mass literature.*

KEY-WORDS: *Harry Potter; J.K. Rowling; literary canon.*

Introdução

A saga do bruxo Harry Potter, da escritora inglesa J. K. Rowling, é um dos maiores sucessos editoriais da atualidade, com milhões de fãs ao redor do mundo, e naturalmente desses milhões, um bom número de leitores brasileiros, especialmente jovens, que cresceram juntamente com o personagem-título e seus amigos. Seguindo o sucesso do livro – ou por causa dele – vieram os filmes, igualmente bem sucedidos em bilheteria. Talvez

esses fatores fossem já suficientes para que se olhasse com restrição à inclusão de uma das obras da série em uma disciplina de literatura inglesa do século XX de um curso de Letras, pois a questão de trabalhar-se com obras pertencentes ao cânone literário é quase lugar-comum nas discussões de área, e a “literatura de massa” não é vista com bons olhos.

No final do primeiro semestre de 2011, no entanto, buscando uma obra para complementar o programa de literatura inglesa (das ilhas britânicas, especificamente) para o segundo semestre, entre as tantas e tão boas e tão óbvias opções, me deparei com um artigo no site de uma universidade americana que apontava para o sucesso que um curso fizera, tendo esgotado as vagas a eles disponíveis pouquíssimo tempo após ter sido anunciado: *Christian Theology and Harry Potter*, em Yale. E diversos outros achados como esse se seguiram. Então veio a questão: por que não incluir ao menos o primeiro livro da série, *Harry Potter and the Philosopher’s/Sorcerer’s Stone*¹, no programa? Sabia que a faixa etária dos alunos coincidia com a do personagem título, e que também havia muitos deles que eram abertamente fãs, mas daí para estudá-lo academicamente existia uma notada diferença. Mas talvez valesse a pena tentar, e à medida que fui entregando o programa da disciplina no primeiro dia de aula - e eles lendo incrédulos que iriam estudar *Harry Potter* - Joyce, Woolf e outros foram ficando de lado. Vi aí que a escolha poderia ter sido acertada.

O objetivo deste artigo é, portanto, reportar essa experiência de “inclusão” com base nos pontos de vista do professor e alunos, estes tendo participado de uma pesquisa escrita (no anexo), ao final da disciplina, além de relatos orais. Pretende também citar alguns dos pontos que foram abordados, num total de quase dez horas de aula.

A questão “canônica”

Seria impossível falar em cânone sem lembrar-se de Harold Bloom e seu controvertido “O Cânone Ocidental” (1995), onde ele não só aponta as características de uma obra canônica – “eterna” –, como apresenta, segundo seu entendimento, uma lista de quais seriam estas obras. Obviamente, a saga potteriana não faz absolutamente parte deste cânone. Num seu artigo para o *Wall Street Journal* faz a pergunta, que com sua curta resposta *Yes*, que dá título ao artigo:

One can reasonably doubt that “Harry Potter and the Sorcerer’s Stone” is going to prove a classic of children’s literature, but Rowling, whatever the aesthetic weakness of her work, is at least a millennial index to our popular culture.[...]Her prose style, heavy on cliché, makes no demands upon her readers.[...]Can more than 35 million book buyers, and their offspring, be wrong? Yes, they have been, and will continue to be as long as they persevere with Potter (BLOOM, 2000, p. 2-3)

Parto, porém, em socorro de Harry e dos seus muito mais de 35 milhões de leitores (considerando-se que o artigo de Bloom é do ano 2000). A crítica, como seu próprio nome indica, supõe julgamento, mas “... inexistindo na pósmodernidade critérios de julgamento e

¹ A edição americana teve o título alterado, por solicitação da editora, para *Harry Potter and the Sorcerer’s Stone*, pois esta acreditava que a palavra *philosopher* pudesse afugentar o público-alvo. A autora, sem poder de barganha na época, obrigou-se a aceitar a troca.

hierarquia de valores consensuais, a atividade crítica torna-se extremamente problemática.” (PERRONE-MOISÉS, 2000, p. 340) E ainda, citando Compagnon (2003, p. 224):

O público espera dos profissionais da literatura que lhe digam quais são os bons livros e quais são os maus: que os julguem, separem o trigo do joio, fixem o **cânone**. A função do crítico literário é, conforme a etimologia, declarar: “Acho que este livro é bom ou mau”. [...] A crítica deveria ser uma avaliação argumentada. Mas **as avaliações literárias, tanto a dos especialistas quanto a dos amadores, têm, ou poderiam ter, um fundamento objetivo? Ou mesmo sensato? Ou elas nunca são senão julgamentos subjetivos e arbitrários, do tipo “eu gosto, eu não gosto?”**[...] (grifos meus)

Refletindo sobre essas declarações, seria adequado supor que mais que 35 milhões de pessoas estejam erradas, como expressa Bloom? A despeito das “fraquezas” do texto, como ele mesmo aponta, não se poderia tentar vislumbrar a saga como uma estória com um público alvo bem definido, que não necessariamente lê apenas Shakespeare, Joyce e Woolf?

Custódio (2010, p.8) também questiona, “Para que serve o cânone literário?” em seu artigo, e dá um exemplo bem pertinente ao citar um caso hipotético de uma professora que, ao estar comentando a importância de Machado de Assis e suas obras, é questionada por um aluno acerca da necessidade de ler Dom Casmurro para uma prova, se gostaria mesmo de estar lendo *Harry Potter*. O que essa professora poderia ou deveria responder, conforme o autor, pode variar da defesa da necessidade de aprimoramento do gosto estético e aumento da capacidade de julgamento através da leitura dos grandes livros em detrimento de leituras supérfluas ou,

a professora poderia responder ao aluno o seguinte: “de fato, você como leitor tem todo o direito de ler *Harry Potter*, e mesmo de dizer que para você esta obra é mais agradável que a de Machado de Assis. No entanto, não se deve apenas ler as obras do “bruxinho”, mas também se dedicar à leitura de outras obras literárias, de outros assuntos e temas, ainda que estas, num primeiro momento, possam lhe parecer chatas e enfadonhas”. (id)

Talvez essa seja uma boa justificativa também para a leitura de Rowling: não se pode/deve ler apenas Rowling... Mas Rowling pode ser um começo.

E a questão do que pertence ou não ao cânone lembra bastante a questão do que seja ou não literatura. Pode haver um número bastante significativo de respostas, afinal.

Estudar *Harry Potter* academicamente

Decisão a respeito do conteúdo da disciplina tomada, receptividade a princípio bastante positiva, a pesquisa feita entre os alunos, mostrou que o fato de se estudar um livro “não-canônico”, literatura de massa, teve um impacto muito positivo e foi aprovado pela maioria da turma. De um universo de 28 alunos, 23 (82%) acharam interessante ou

muito interessante, curioso, pertinente, *weird, but important*, conforme alguns relatos abaixo, o fato de estudar *Harry Potter* academicamente. Algumas das respostas²:

1. *I think it is good because it is a kind of book that most part of our students will know and talk about[...]*
2. *Eu realmente acho interessante. Até melhor que alguns cânones que só são lidos ainda por fazerem parte do programa acadêmico.*
3. *I think it interesting, but it should be in a specific course, which should contemplate Harry Potter, Percy Jackson and books for teens.*
4. *I think it is so interesting because we can understand the ideological, metaphoric and historic thing.*
5. *Although it's not my main choice of book, it's interesting to see different parts of literature on classes.*
6. *I do think it's an important book to study specially because it's a phenomenon with children and young people.*
7. *Acredito que é um estudo válido, principalmente por se tratar de uma obra contemporânea significativa [...]*

Alguns comentários aqui se fazem necessários. Um deles diz respeito à questão do cânone voltar à tona. Percebe-se que a questão de não fugir de um cânone idealizado ainda assombra alguns, que, no entanto se renderam a essa dita obrigatoriedade acadêmica (resposta 2). Outro ponto é a questão de serem vistas “diferentes partes de literatura em sala”, ou provavelmente “diferentes vertentes” literárias, que deve ter sido o que o aluno talvez quisesse dizer (resposta 5). Poderíamos nos questionar se isso não deveria ser feito sempre. A resposta que leva em consideração o fato de ser uma obra contemporânea significativa (resposta 7) foi importante no sentido em que mostrou que ao aluno – e provavelmente aos colegas dos quais ouviu opiniões e com os quais discutiu alguns aspectos da obra durante as aulas – *Harry Potter* não foi apenas mais um livro, mas um livro que o(s) deve ter influenciado de alguma forma. Ainda, o fato de alunos de um curso de Letras se preocuparem com a sua futura clientela quando professores (respostas 1 e 6) mostra que houve uma preocupação de ordem bastante pragmática também, estimulada pelas discussões em sala de que, como *Harry Potter* foi a iniciação à leitura e à literatura para boa parte deles, acadêmicos, poderá também vir a ser para seus futuros alunos.

Dois alunos (7%), no entanto, não gostaram de terem que estudar *Harry Potter* em uma disciplina regular do curso, sendo que um deles enfatizou ainda a importância do que chama de literatura canônica em detrimento de literatura de massa (resposta 9). Curiosamente esse aluno era dos fãs mais aguerridos, tendo lido toda a série tanto em inglês como em português. Mas ambos acharam que o conteúdo da disciplina regular poderia ser ou fazer parte de uma optativa (assim como o achou o aluno da resposta número três acima):

² As perguntas da pesquisa foram feitas em inglês, mas os alunos tiveram liberdade para respondê-las em inglês ou em português. As respostas de diferentes alunos às questões da pesquisa não sofreram nenhum tipo de correção com relação aos padrões ortográficos ou sintáticos da língua portuguesa ou inglesa, e aparecerão apenas identificadas com números.

8. *Depende [...] já para uma disciplina de literatura infantil ou infanto-juvenil é bem pertinente. Também poderia ser estudado em alguma optativa ou em algum “tópico especial”* (aluno não havia lido nenhum dos livros da série antes das aulas da disciplina).
9. *I think it’s crucial to separate canon literature from popular literature [...] I think the best option would be an optative discipline about modern mass literature.*

Dois alunos (7%) acharam desnecessária a inclusão do livro, e as razões falam em literatura “mais elaborada” (resposta 10), parecendo uma paráfrase do que diz Bloom (2000), acima citado, e também havendo a menção de livro popular (resposta 11), como se isso fosse condição para um livro não poder ou precisar ser estudado. De qualquer forma, uma particularidade que se percebeu, especialmente no caso desses dois alunos é que em depoimentos à parte do questionário, havia uma preocupação em se mostrarem como contrários ao que é “popular”, algo que certamente mereceria um estudo à parte, e que foge completamente ao escopo deste artigo.

10. *Acho desnecessário. Poderíamos estudar outros autores com uma literatura mais elaborada* (aluno havia lido todos os livros da série, dois dos quais em inglês)
11. *I personally don’t think it’s a good book for that matter, since it’s a book that almost everyone knows and can have information about[...] is not a matter of being a good book or not, is about “wasting” time with such a popular book* (aluno não leu nenhum dos livros, nem mesmo durante o andamento da disciplina).

Uma das respostas mais interessantes foi a do único aluno que dizia não ter certeza acerca da significância ou não de se estudar *Harry Potter* sob um viés mais acadêmico (resposta 12), sob a pena de quebrar a magia que foi ter lido o livro num período da vida repleto de fantasia: a infância. Parece até paradoxal que o estudo de um livro típico da literatura fantástica, cujo nome na língua inglesa parece ser, inclusive, bastante mais apropriado – *fantasy literature* – colabore, justamente, para a quebra dessa aura de fantasia. Seria o temor de passar para uma nova fase da vida? Indagações - ou divagações – que também fugiriam ao objetivo desse artigo.

12. *I’m not sure. It’s nice because it’s part of our childhood, but it’s kind of breaking the “magic” of the book. You should try Os contos de Beedle, o Bardo.*

Tópicos estudados

Não foi muito simples definir quais os tópicos a serem abordados nas quase – e somente – dez horas de que dispúnhamos para estudar *Harry Potter and the Philosopher’s/Sorcerer’s Stone*, especialmente pelas expectativas criadas em torno de tal estudo. No entanto, apesar de eu mesma ter lido todos os livros da série, só depois de começar a estudá-los é que me dei conta de quanto já havia sido escrito a respeito deles, o que de certa forma dificultou ainda mais as escolhas. Curioso é que dos 28 alunos que responderam a pesquisa, 20 deles (71,4%) já haviam lido, ao menos, um dos livros da série quando eram mais jovens, e 15 (75%) haviam lido todos, sendo que mais da metade deles – 11 (55%) havia iniciado a leitura entre os 11 e 12 anos, exatamente a idade – 11 anos – em que Harry descobre ser um bruxo e sua aventura inicia. E esses mesmos alunos não sabiam o que mais poderiam estudar sobre os livros da série (!)... Além de perguntas na forma de um estudo dirigido sobre a obra sob um ponto de vista mais geral, houve mais discussão e estudo em torno de alguns pontos, e começou-se com o próprio protagonista.

Harry – O herói

Se compararmos a jornada de Harry com a jornada do herói de Campbell (1968), verificamos que o livro de Rowling é uma forma quase didática de se analisar todos os passos de um herói, e Harry é um herói. Colbert (2008), que dedica um de seus livros *The Magical Worlds of...* à série *Harry Potter*, tem um de seus capítulos tratando dessa questão do herói, e até parafraseia o título de Campbell (*The Hero with a Thousand Faces*): *The Harry with a Thousand Faces*. Tem-se a partida, quando o herói é chamado à aventura em todos os seus desdobramentos, a iniciação, com todas as suas provas características, e o retorno. Essas etapas são observáveis em cada uma das aventuras da série de sete livros (correspondendo aos sete anos do “ensino médio” na Inglaterra), e na série – ou na aventura – como um todo. A ideia da disciplina era a de analisar apenas aspectos referentes ao primeiro livro da série, mas como a maioria da turma conhecia toda a saga, a discussão acerca do Harry herói foi bastante mais prolongada, a participação muito ativa, com exemplos que abrangiam todos os livros vindos dos próprios alunos.

Um nome não é apenas um nome

Em aulas de literatura, de modo geral, sempre se chama a atenção para a não-neutralidade dos nomes dos personagens:

In a novel names are never neutral. They always signify, if it is only ordinariness. Comic, satiric or didactic writers can afford to be exuberantly inventive, or obviously allegorical, in their naming [...] The naming of characters is always an important part in creating them, involving many considerations and hesitations [...] (LODGE, 1992, p.37)

No caso da série *Harry Potter*, J. K. Rowling usou esse preceito sem parcimônia, “*J. K. Rowling is wonderfully good at giving her characters exceptional and entertaining names*” (KRONZEK, A. Z.; KRONZEK, E., 2010, p. 331), pois havia necessidade de se dar nomes não apenas a personagens humanos, mas a vários seres e entidades, lugares, jogos, e tudo o que cerca o universo potteriano. A discussão acerca do porquê de cada nome ser específico, carregado de referências e significados, surpreendeu diversos alunos, mesmo alguns dos mais conhecedores, e visivelmente colaborou para elevar o conceito que tinham da autora alguns outros, a princípio mais céticos.

Boarding Schools na literatura

As *boarding schools*, ou internatos, e seu entorno – local, tempo, situações – transformaram-se praticamente num gênero específico na literatura inglesa, possuindo convenções de fácil identificação: de modo geral, protagonistas têm que quebrar algumas das regras da escola por razões justificáveis com as quais o leitor pode se identificar, e esse(s) personagem(ns) pode(m) ser severamente punido(s) se apanhado(s) – mas geralmente não se rebela(m) totalmente contra a escola. Exemplos são os mais diversos, desde *Jane Eyre*, de Charlotte Brontë, passando por *The Catcher in the Rye*, de J. D. Salinger, até a própria série *Harry Potter* e sua contraparte americana *Percy Jackson and the Olympians*, de Rick Riordan.

Além de tratar do tema referente a esse gênero, uma das discussões mais interessantes foi a respeito do que se ensina e do que se aprende em Hogwarts, pois diz respeito direto ao universo atual e ao futuro profissional dos alunos: em *Hogwarts School of Witchcraft and Wizardry* basicamente o que se promove é a memorização e se pune a experimentação e criatividade, que são habilidades de pensamento crítico, formando alunos que são realmente despreparados para enfrentar calamidades. Harry e alguns de seus amigos são exceções notáveis:

Devoid of the skills that will help them solve novel problems, Hogwarts alumni are unprepared for Voldemort's ascendancy and return. They are not equipped to try "different things" – to experiment with defensive potions, charms, spells, or counter-courses. [...] In fact, the magical world needs witches and wizards like Harry and Hermione – raised in the Muggle world – to invent, to push boundaries, and ultimately to rescue those raised in the wizarding world from a power they are helpless to fight. (ROSENBERG, 2006, p.13)

O fato de em Hogwarts os alunos aprenderem magia, mas não saberem e nem se questionarem como ela funciona, ou pode ser desenvolvida ou aprofundada, levou a um paralelo bastante interessante com o que (às vezes) acontece em nossas escolas.

Projetos

Apesar de se encontrar na Internet uma infinidade de materiais sobre a série *Harry Potter* para uso em aulas de língua inglesa, desde aqueles com enfoque mais linguístico até aqueles mais interdisciplinares, como projetos, mesmo os alunos que tinham mais conhecimento dos meandros da série na rede não haviam se atentado para essa rica fonte não só de informações, mas de atividades que podem vir a ser utilizadas com seus futuros alunos. Diversas possibilidades de projetos interdisciplinares foram discutidos, como, por exemplo, a criação de *folders* publicitários para Hogwarts, ensino de xadrez, criação catálogos de moda *witch & wizard wear*, pesquisa sobre seres mitológicos (centauros) ou não (corujas), escrita de artigos nos moldes dos que aparecem no *Daily Prophet* (o jornal do mundo de *Harry Potter*).

A pesquisa

O objetivo da pesquisa, feita no último dia de aulas, não foi o diferente de qualquer outra pesquisa de opinião, isto é, ter mais informações sobre o background de leitura dos alunos de uma forma um pouco mais rigorosa (já sabia por causa da participação e entusiasmo que alguns eram "fãs de carteirinha", enquanto outros, a minoria, é verdade, estava sendo apresentada ao texto pela primeira vez), suas opiniões sobre o estudo do texto em questão, e suas sugestões sobre o prosseguimento desse estudo nos próximos semestres para novas turmas.

A seguir as perguntas e respostas dos 28 alunos, algumas das quais com dados quantitativos e outras abertas, com algumas das respostas apresentadas.

Have you read any of Harry Potter books when you were younger?³

YES: 20 (71.4%)

Which ones?

Todos os livros: 15 (75%)

Somente o primeiro: 1 (5%)

Três primeiros: 3 (15%)

Cinco primeiros: 1 (5%)

How old were you when you started reading the books?

Entre 9 e 10 anos: 3 (15%)

Entre 11 e 12 anos: 11 (55%)

Entre 13 e 14 anos: 6 (30%)

Alguns relataram que foi o primeiro livro “sem figuras” que leram, motivo de grande orgulho na época de sua infância. Sob esse aspecto, é importante notar que eram volumes razoáveis, com até 870 páginas (*Harry Potter and the Order of the Phoenix*).

Com relação à leitura ter sido feita em inglês ou não, é interessante observar que, da série de sete livros, três alunos, mesmo tendo iniciado a leitura ainda bem cedo, leram todos os livros em inglês. Comentários feitos por alguns dos alunos foram deixados entre parênteses, em itálico.

Did you read it/them in English? Why?

→ 7 alunos (35%) leram ao menos um dos livros da série em inglês. Destes:

O primeiro livro: 1 (leu apenas esse livro da série) (*I prefer to read original texts*)

O último livro: 1 (leu todos os livros, mas apenas o último em inglês) (*I didn't want to wait for the translated versions*)

Os dois últimos livros: 1 (leu todos os livros, mas apenas os dois últimos em inglês) (*porque estava ansiosa para saber o desenvolvimento da história*)

Os quatro últimos: 1 (leu todos os livros, mas apenas os quatro últimos em inglês) (*não sabia a língua nessa idade [quando começou a ler os livros, aos 12 anos]*)

Todos os livros: 3 (*Curiosity. Also, it was the easiest book at the time to get in English, it was very famous*); (*I was studying English in the first books, and later because I was curious*); (*Because I was already learning English and liked the books*)

→ Os 13 restantes (65%) leram os livros em português, alegando falta de conhecimento suficiente para ler em inglês.

A outra pergunta diz respeito ao incentivo que tiveram para ler o livro, e aqui se percebe o papel da família – e não apenas da escola – em tal incentivo:

Did anybody/ any situation incentivize you in the reading of such books?

Who/What?

Ninguém, nada incentivou: 6 (30%)

³ O número antes do percentual em parênteses refere-se ao número de alunos, do universo de 28, que deu aquela resposta. Entre parênteses o percentual em relação ao total.

Família (pai, mãe, tias, primos, irmã): 8 (40%)
 Amigos: 4 (20%)
 Professora: 1 (5%)
 O próprio livro: “a mágica que ele tinha e por todos comentarem”: 1 (5%)

Com relação à frequência de leitura, os que leram reportaram que liam assim que tinham o livro em mãos, e os liam de forma quase ininterrupta. Três respostas curiosas a esse respeito aparecem abaixo:

What was your frequency of reading (e.g. one each school vacation, etc.)?
After reading the first one I started reading the next ones –I HAD TO;
I read from the first to the six in two months;
Os três primeiros de uma vez. Os outros, um por ano em 2/3 dias.

Respondendo ainda à primeira pergunta sobre se haviam lido o livro quando mais jovens, oito alunos reportaram que não o haviam feito.

NO: 08 (28.6%)

Ao serem questionados a razão, as respostas foram:
 Falta de tempo: 2 (25%)
 Falta de interesse: 5 (falta de interesse nos temas, em bruxaria) (62.5%)
 Falta de condições financeiras para comprar os livros: 1 (12,5%)

A pergunta a seguir foi dirigida a todos (supondo que todos já tivessem lido o livro, considerando que era o último dia de aulas) e questionava porque o aluno havia gostado ou não de ler o livro, juntamente com algumas sugestões da razão de ter gostado ou não, para estimular mais comentários. O esperado para um livro desse gênero, *plot-driven*, em que o enredo é o que chama a atenção da leitura, foi o que ocorreu. Alguns, no entanto, citaram os personagens e sua identificação com eles. O fato de um deles comentar que o livro pode ter sido o responsável sua atração pela leitura é muito significativo. As respostas de alguns alunos aparecem em itálico entre parênteses.

Why did you enjoy (or not) reading the books? (e.g. interesting plot, characters)

Dos 20 alunos que haviam lido quando eram mais jovens, 18 (90%) gostaram (dos quais um aluno gostou até o quarto livro, tendo dito que depois perdeu o interesse). Destes 18 alunos, 14 citaram a estória como responsável pelo fascínio pelo livro (*eu gostava da história e também queria saber como acabava*); (*Because it pictured a different reality*); (*Porque eu queria saber como ia acabar. O enredo me enredou*); (*Foi como crescer com o Harry*); (*it was my first ‘big book’, A Pedra Filosofal, without pictures, and I think it’s because of it that I developed my reading or my desire to read*).

2 (10%) não gostaram.

Dos 8 alunos que não haviam lido quando eram mais jovens, 4 não responderam e os outros 4 reportaram que se interessaram pelo enredo.

Considerações finais

Três dos alunos que não haviam lido os livros antes de cursarem a disciplina relataram o que pode muito bem sintetizar a experiência:

Resposta 13⁴: *A ideia de trazer uma leitura contemporânea para a academia é muito válida. Mesmo que eu não tenha lido, a maioria dos alunos da sala leu e esses livros fizeram parte da formação deles como leitores. Outra questão que a ‘academia’ pode trazer é a da série não pertencer ao tão aclamado cânone, mas a minha visão de leitura é mais abrangente do que essas questões mínimas que a Universidade propõe.*

Resposta 14: *...it broke down some prejudices.*

Resposta 15: *I think it gives us one more point of view in terms of what literature is and also teaches us to regard not only the pieces belonging to classical canons. In other words, makes us break some prejudices and to think more eclectically.*

Essas considerações dos alunos foram bastante relevantes, no sentido em que mostraram que é preciso, às vezes, “baixar a guarda” no que se refere a alguns livros e autores. Tentar sem *pré-conceito* e se deixar levar pelo texto, nem que não seja sobre uma *Nimbus Two Thousand*⁵.

Pretendo continuar com *Harry* nos próximos semestres...

Referências

BLOOM, H. **O cânone ocidental**: os livros e a escola do tempo. Trad. Marcos Santarrita. Rio de Janeiro: Objetiva, 1995.

BLOOM, H. **Can 35 million book buyers be wrong? Yes**, 2000. Disponível em <<http://web.ics.purdue.edu/~rebeccal/comp/108f10/Assignments/BloomArticle.pdf.pdf>>. Acesso em 06 julho 2012.

CAMPBELL, J. **The hero with a thousand faces**. Princeton: Princeton University Press, 1968.

COMPAGNON, A. **O demônio da teoria**: literatura e senso comum. Trad. Cleonice Paes Barros Mourão; Consuelo Fortes Santiago. Belo Horizonte: UFMG, 2003.

CUSTÓDIO, J. S. **Para que serve o Cânone Literário? Aspectos e confrontos do discurso teórico contemporâneo**. Anais do X SEL - Seminário de Estudos Literários. UNESP Assis, 2010.

KRONZEK, A. Z.; KRONZEK, E. **The sorcerer’s companion**: a guide to the magical world of Harry Potter. New York: Broadway Books, 2010.

LODGE, D. **The art of fiction**. London: Penguin Books, 1992.

PERRONE-MOISÉS, L. Que fim levou a crítica literária? In: PERRONE-MOISÉS, L. **Inútil poesia e outros ensaios breves**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

⁴ Essas três respostas, em itálico, das considerações finais, foram repostas à pergunta sobre o que os alunos achavam de estudar *Harry Potter* de forma mais acadêmica, por isso a sequência 13, 14 e 15.

⁵ *Nimbus Two Thousand* é a primeira vassoura voadora que Harry ganhou; *top* de linha.

ROSENBERG, R.S. What do students learn from Hogwarts Classes? In: MULHOLLAND (Ed.) **The psychology of Harry Potter**. Dallas, USA: Benbella, 2007

ANEXO – PESQUISA
HARRY POTTER SURVEY

1. Have you read any of Harry Potter books when you were younger?

• YES _____

Which ones?

How old were you when you started reading the books?

Did you read it/them in English? _____

Why? _____

Did anybody/ any situation incentivize you in the reading of such books?
Who/What?

What was your frequency of reading (e.g. one each school vacation, etc.)?

• NO _____

Why not?

2. Why did you enjoy (or not) reading the books? (e.g. interesting plot, characters, ...)

3. What did you think of studying Harry Potter academically?
